**O ato de ler, um desafio na aula de Sociologia**

Caio dos Santos Tavares

José Adriano Oliveira Silva

Educação  
Júlio Cezar Gaudêncio   
Universidade Federal de Alagoas – UFAL

[caiotavares\_@hotmail.com](mailto:caiotavares_@hotmail.com)

[j.adrianocs978@gmail.com](mailto:j.adrianocs978@gmail.com)

juliocezargaudencio@yahoo.com.br

**Introdução**

A presente proposta é uma análise construída a partir da observação das aulas do 3° Ano de Sociologia na Escola Estadual Moreira e Silva, no município de Maceió-AL, com foco nas atividades do Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID) do subprojeto de Ciências Sociais. Analisou-se também, a partir das práticas de Estágio Supervisionadas 1, com ênfase nos três primeiros anos e terceiro ano da escola Maria José da Silveira Camerino da disciplina de sociologia no ensino médio. Em ambas as escolas, a forma de condução da maioria das aulas por parte dos professores da disciplina, não leva em consideração o fator leitura dos livros didáticos dentro e fora da sala de aula. O referido trabalho será norteado pelas observações empíricas nas escolas, pela perspectiva que considera a leitura, dimensão fundamental na composição dos processos de ensino e aprendizagem e pela pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, realizada em 2016. A pesquisa mostra dados que enfatizam que a leitura não é uma atividade presente na vida dos brasileiros de maneira geral. Tendo em vista essa conjuntura mais ampla, a sociologia enquanto disciplina escolar não encontra espaço favorável para sua efetivação enquanto disciplina na grade curricular, como também na vida prática dos alunos de ensino médio, já que para entendemos que para ocorrer uma discussão em termos sociológica, em geral, se requer que os/as alunos/as possam ter, minimamente, como referência, algo que se proponha ir além do senso comum. Do contrario, a sociologia no âmbito escolar, torna-se uma extensão das discussões do senso comum. Desse modo, a prática sociológica na escola, incluindo-se aqui o próprio ensino da disciplina, sem leitura, torna-se uma barreira para termos no ambiente educacional, uma sociologia que consiga fazer com que os alunos construam uma percepção sobre o mundo de um modo mais amplo. Assim, problematizar aceda de quais são as dificuldades encontradas no cotidiano escolar quanto ao incentivos a promoção da leitura? E a partir disso como superar tais dificuldades?

**Objetivos**

O objetivo desse trabalho se dá justamente porque no Brasil a leitura não é uma atividade que abarca o dia a dia da maioria dos brasileiros. Com isso, muitos são os campos e áreas que sofrem o efeito dessa falta de leitura na vida dos indivíduos, especificamente, a sociologia, enquanto disciplina da grade curricular do ensino médio e que atrapalha suas propostas, como, desnaturalização e o desenvolvimento do senso crítico.

**Palavras-chave:** Educação. Leitura. Sociologia. Classes sociais.

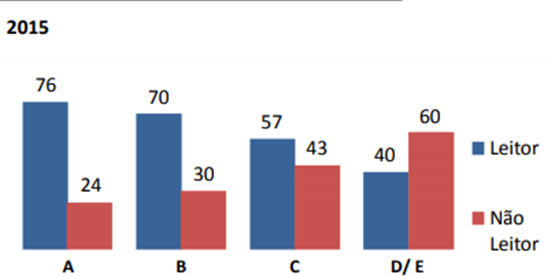
**Leitura e sua implicação com as classes sociais**

No livro Sociologia da Leitura (2010), em sua introdução, fala-se dos diversos tipos de leituras que acompanham a vida dos sujeitos em sociedade. Nos dias atuais, o acesso à informação escrita se coloca como uma condição da plena utilização dos códigos culturais de cada sociedade. De modo geral, aponta-se para a leitura do tipo instrumental, que é aquela que norteia os indivíduos em suas ações práticas, como pegar um ônibus coletivo, acessar os meios digitais etc. Além disso, evidencia-se a leitura solicitada em processos formativos que exige uma maior habilidade cognitiva e de reflexão.

Segundo os autores Horellou-Lafarge e Segré:

A escrita pode ser subversiva, a leitura também, pois, em determinadas condições sociais, permite ao leitor compreender e interpretar o texto, descobrir suas nuances e significados até então ocultos. Com exceção daqueles estritamente de caráter técnico, o ou os textos são objeto de leituras sempre renovadas, talvez perigosas. Em todo o caso, imprevisíveis. É por isso que os mantenedores da ordem querem controlar as interpretações que os leitores, eternos submissos, dão. (Horellou-Lafarge; Segré. 2010 p.16 )

Com isso, a capacidade de leitura dos sujeitos pode ser uma ferramenta para o confronto com a realidade social. Por esse motivo, ao longo da história, buscou-se censurar as possibilidades de leitura, tanto pelo Estado quanto pela Igreja. Na atualidade, existe uma maior possibilidade de acesso a leitura que não se restringe aos livros, já que a partir do século XX, permitiu-se a difusão e diversidade dos suportes para a leitura, sendo eles, jornais, revistas entre outros. Contudo, por inúmeros fatores os brasileiros em grande parte acabam não exercendo a prática de leitura. O Brasil é um país de escala continental. Sua população chegou à casa dos 207 milhões e desponta como uma das grandes economias do planeta. Entretanto, no quesito educacional em seu próprio território figura em posições subalternas. Segundo dados da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil em sua quarta edição, apenas 4,96% livros são lidos por ano. Vale destacar, que em níveis regionais essa realidade se altera, já que o processo educativo na educação básica não é um padrão do ponto de vista de ação, visto que está legalmente determinado sob sistemas de ensino: o sistema de ensino federal, estadual e municipal, e isso requer políticas educacionais de modos distintos. Segundo a mesma pesquisa, existem também diferenças entre as classes sociais nas práticas de leitura:



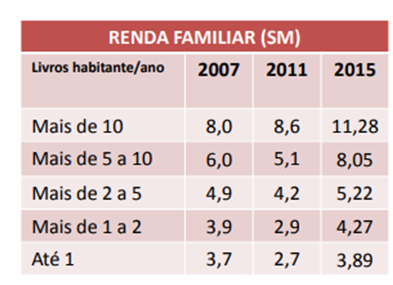
**Classe social**

Fonte: (IBOPE,2016,p.56)

O gráfico acima informa que quanto mais alta a classe social, maior são as práticas de leituras, e quanto mais baixa é a classe, menor é a atividade de leitura. Com isso, pode-se utilizar o conceito de capital cultural do sociólogo francês Pierre Bourdieu quando este fala que:

A condição de classe que a estatística social apreende por meio de diferentes indicadores materiais da posição nas relações de produção, ou, mais precisamente, das capacidades de apropriação material dos instrumentos de produção material ou cultural (capital econômico) e das capacidades de apropriação simbólica desses instrumentos (capital cultural), determina direta e indiretamente, conforme a posição a ela conferida pela classificação coletiva, as representações de cada agente de sua posição e as estratégias de "apresentação de si" de que fala Goff­man, ou seja, sua encenação de sua própria posição.(Bourdieu,2013, p.109).

Assim sendo, devido às condições de classes, os indivíduos irão ativar seus esquemas de percepção e repertório cultural que estão introjetados em seu hábitus, que em termos bourdieusiano é o conjunto de ações que são internalizadas pelos agentes ao longo de sua trajetória. A partir do momento que o agente transita em outros campos ocorrerão mudanças em seu comportamento, logo, a maneira que é executada a sua ação varia conforme o campo. A incorporação do hábitus está vinculada ao campo que é determinado pelos agentes e suas ações. Dito isto, os indivíduos das classes mais baixas não estão acostumados e são poucos influenciados ao ato de leitura. Além disso, o mero estímulo não quer dizer que estes indivíduos tenderão a tornarem-se leitores assíduos. Trazendo esses elementos para a educação básica, em especial, no ensino médio, outro dado relevante de 2015 é que apenas 4,79% dos alunos praticam a leitura. Além disso, em se tratando das classes sociais, há os seguintes dados:



Fonte: (IBOPE,2016,p.69)

Estes dados reforçam mais ainda as tendências de que, quanto menor a renda, maior o afastamento entre os estudantes e a leitura.

**Relatando e problematizando as aulas de sociologia**

Nas reuniões de planejamento do PIBID de ciências sociais pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL) foram inúmeras vezes discutidas possibilidades de fazer com que os alunos da Escola Moreira e Silva praticassem a leitura, contudo não se obteve êxito nas metodologias. Existia uma forte resistência em muitos alunos quando foi solicitado que eles fizessem leituras dentro de sala de aula, mesmo sendo pedidos textos de uma página, havia aqueles que reclamavam ou simplesmente ignoravam o material didático. Nas aulas que foram executadas essa metodologia de ensino ocorria pouca participação por parte dos alunos. Em um segundo momento, a professora titular de Sociologia transmitia aos alunos que teriam que realizar fichamentos de todo o capítulo que vinha sendo trabalhado com base no livro didático: “Sociologia em Movimento“, que todos os alunos dessa escola possuem. Tal atividade teria que ser realizada em casa, entretanto, em muitos momentos percebeu-se que muitos alunos deixavam para fazer essa atividade nos corredores da escola no dia da entrega da atividade, utilizando inclusive, cadernos de outros colegas. Mais adiante com o objetivo de fazer com que os alunos fizessem a tarefa, foi estipulado que a mesma valeria nota, todavia, mesmo com esse recurso os alunos não faziam em sua maioria aquilo que era pedido. Devido às dificuldades em reservar a sala de vídeo, isso fez com que as aulas fossem baseadas unicamente no conhecimento de mundo dos alunos. Ou seja, houve momentos que ocorreram as discussões e a falta de fundamentação sociológica mínima por parte dos alunos, que resultou em uma aula repleta de senso comum.

Nesse sentido, no livro Criar Leitores, aponta-se:

A aprendizagem da leitura não se faz espontaneamente [...] O processo de aprendizagem da leitura é longo e difícil. Este não uma intervenção específica. Nenhum governo se preocupa em criar escolas para ensinar as crianças a falar e a compreender a fala. Os pais também não ensinam a falar aos seus filhos. Falam-lhes naturalmente e sabem espontaneamente como fazê-los. Para ler é necessário saber ler. O objetivo do ensino da leitura é fazer com que a criança venha a saber ler. Mas tal como se lê mais ou se lê menos, também se sabe ler mais ou menos. E as duas coisas estão geralmente associadas. A criança começa a ler ao aprender a ler. Ensino, aprendizagem e prática da leitura são processos inextricáveis. (Moraes, 2012, p.19)

Assim sendo, a aprendizagem da leitura começa desde a fase infantil e seu aprimoramento se dá com o passar dos anos, quando se empennha para tal, professores e educandos. Entretanto, as aulas de sociologia na escola não propiciaram a prática da leitura plena, ainda que alguns mecanismos tenham sido implementados. Já nas aulas de sociologia na escola Maria José Camerino, de um modo geral se pautava muito mais no conhecimento do senso comum que os estudantes possuem. Muitas das vezes, o próprio professor não contra-argumentava sociologicamente opiniões e preconceitos trazidos por alguns estudantes. Isso evidencia não apenas a falta de capacidade crítica dos estudantes, mas também do professor que também faz parte de um processo educacional que pouco incentiva ao ato de ler aprofundado. A leitura é posta de lado por vários motivos. Pode ser pelo fato da escola não possuir o material didático, pelo professor que não adota a leitura enquanto método pedagógico sabendo das dificuldades que pode encontrar, já que os alunos de maneira geral não compreendem qualquer texto.E além disso, porque se pensa que o ato de ler e produzir texto está restrito a disciplina de português. Ainda mais, pelo simples fato do professor não possuir disposições para a prática da leitura. Com isso, a leitura formal e aprofundada é deixada de lado em detrimento de uma concepção do falar e ouvir. Isto é, um falar e ouvir com pouco repertório cultural do conhecimento historicamente produzido pelo homem. Consequentemente, alguns dos alunos que adentrarão nos cursos superiores, em especial naqueles que se exige uma alta carga de leitura, sofrerão com a exigência não só da leitura, mas da reflexão e posteriormente produção de textos como aponta, os autores Moura e Silva (2013)

Conclui-se que há despreparo teórico-metodológico entre os/as alunos/as informantes 68 da pesquisa no tocante à leitura e produção de textos, especialmente dos textos que fazem parte da esfera acadêmica. Os resultados da investigação indicaram que os informantes possuem dificuldades tanto no ato de ler quanto no ato de escrever. Inferimos que as dificuldades relacionadas à leitura interferem diretamente na capacidade de escrever. (Moura; Silva 2013,p.67-68)

Por tanto, isso nos leva a evidenciar que a inabilidade com os processos de leitura e produção de textos está em um ciclo vicioso , pois os alunos que chegam na universidade tende a sair dela com baixo nível formal de dominio da ligua culta. Assim sendo, são esses individuos, em especial os professores em sua maioria, que retornarão à sociedade como protagonistas e que desempenharão papel formativo na vida dos alunos na escola básica.

**Conclusão**

Tendo em vista todos os elementos discutidos, pode-se concluir que a sociologia isolada não conseguirá resolver o problema da não leitura no Brasil, pois é um problema de cunho estrutural que envolve outros agentes da sociedade que não são apenas os professores de sociologia. Sendo assim, é preciso que se tenha uma nova maneira de enfrentar esse problema histórico da sociedade brasileira, que mesmo apresentando um franco processo de inclusão de mais universitários, não reflete em uma transformação do próprio sistema de ensino que continua não conseguindo fazer com que muitos jovens que terminam o ensino básico tenham a capacidade de intepretarem um texto quando ingressam na academia.

No entanto, especificamente nas aulas de sociologia poderia se planejar e estruturar melhor as aulas no intuito de amenizar tal problema enfrentado. Como proposta, poderia se criar clube da leitura nas escolas, pelo qual os alunos tivessem uma autonomia relativa em escolherem livros que fossem pré-selecionados pelo professor e debatidos a cada bimestre. Além disso, as aulas introdutórias a temas quaisquer de qualquer disciplina, poderiam ser do tipo, com leitura orientada, pela qual o professor leria um parágrafo ou verso do texto e passaria a vez para cada aluno com o objetivo de estimular a prática da leitura de forma interdisciplinar.

Referências :

BOURDIEU, Pierre. Capital simbólico e classes sociais. Novos estud. - CEBRAP, São Paulo , n. 96, p. 105-115, July 2013 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S0101-33002013000200008&lng=en&nrm=iso>. access on 03 may. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-33002013000200008>.

HORELLOU-LAFARGE, C.; SEGRÉ, M. Sociologia da leitura. Trad. de Mauro Gama. Cotia: Ateliê Editorial, 2010. (Titulo original: Sociologie de La Lecture).Electronic Document Format

IBGE. RETRATOS DA LEITURA NO BRASIL. Disponível em: http://prolivro.org.br/home/images/2016/Pesquisa\_Retratos\_da\_Leitura\_no\_Brasil\_-\_2015.pdf . Acesso em: 10 de MAIO de 2017.

Morais, J., Araújo, L., Leite, I., Carvalho, C. Fernandes, S. & Querido, L. (2012). Criar leitores: O ensino da leitura - para professores e encarregados de educação. Porto: Livpsic. ISBN: 9897300015

MOURA, Alexandre Costa; DA SILVA, Maria Vilma. DÉFICIT DE APRENDIZAGEM NA LEITURA E NA ESCRITA DOS ALUNOS DA EDUCAÇÃO BÁSICA SE ESTENDE AO NÍVEL SUPERIOR. **Revista Eletrônica de Educação de Alagoas**, v. 1, n. 01, 2013.